

Projeto: Parada da Leitura - Uniaraxá

O UNIARAXÁ desenvolve desde 2017/2, em todos os semestres, a “Parada da Leitura”, um Projeto que busca despertar e incentivar o gosto pela leitura cotidiana, como um importante instrumento na formação acadêmica e humana dos alunos. Na sua culminância, entre outras atividades, é realizada a “Olimpíada de Redação”, referente ao livro ou autor que serviu de tema para a mesma.

A partir dessa edição, a Revista Evidência irá publicar os textos dos três primeiros colocados nestas Olimpíadas de Redação.

No primeiro semestre de 2019-1, o Eixo Temático foi o livro “A Metamorfose” de Franz Kafka.

Vejam os textos ganhadores:

Proposta da redação:

“Um bom livro não acaba, esconde-se dentro de nós”. Quando menos percebemos, ele está se envolvendo, com sua trama, seus personagens, seus mistérios, no que somos, no que pensamos, em como agimos.

Mostre como o livro “A Metamorfose”, de Franz Kafka, indicado para a “Parada da Leitura” do Uniaraxá e para esta Olimpíada, na versão 2019-1, o afetou como pessoa e como profissional da área de _____.

TERCEIRO LUGAR – Déborah Gertrudes – Serviço Social EaD:

A Metamorfose em Mim

O texto “A Metamorfose”, de Franz Kafka, mesmo sendo antigo, não deixa de ser atual, pois retrata com perfeição os relacionamentos de uma família dentro do contexto social da época, com seus problemas, inquietações e preconceitos.

Ao parafrasear o trecho inicial proposto para este trabalho, “um bom livro não acaba, esconde-se dentro de nós”, posso afirmar que “A Metamorfose” de Franz Kafka está bem escondido dentro de mim, mas não está fechado. Toda a história, desde o seu início até o final, agita meus pensamentos e me faz, como ser humano, rever meus conceitos sobre a sociedade atual, uma sociedade capitalista onde a pessoa tem valor enquanto produz, como aconteceu com a personagem do livro. Indo além, uma sociedade onde a aparência física, embora efêmera, dita as regras de aceitação das pessoas.

Não devo, como indivíduo, e muito menos como profissional do serviço Social, me deixar levar por essas regras tão superficiais. Minha visão, como estudante de Serviço Social, após a leitura, foi aberta, para compreender os relacionamentos sociais, as dificuldades que as pessoas têm para enfrentar e aceitar o diferente e o quanto estamos acomodados, esperando do outro, o que nós devemos tomar a iniciativa de fazer.

É complexo esse viver em sociedade. A nossa é composta por pessoas desiguais, com pensamentos diversos e problemas distintos. Enquanto profissional, preciso ser diferenciada, não posso ser preconceituosa e reduzir as pessoas a uma fórmula única. Não posso, também, valorizar as pessoas apenas pelo retorno que puderem me oferecer. Não posso agir como os personagens do livro, que segregaram Gregor Samza ao isolamento e ao desprezo, por ter-se tornado um ser diferente do padrão social e incapaz de corresponder às expectativas da família e da empresa.

Preciso, também, ter consciência de quem eu sou e me valorizar, com as minhas limitações. No livro, Gregor, ao acordar transformado, não se importou, inicialmente, com a mudança e com suas novas condições. Sua única preocupação era que não poderia chegar atrasado ao trabalho. Seu final, contudo, foi trágico.

O livro me mostrou que o ser é mais importante que o ter, e que, valorizar o ser humano, independentemente de sua posição social, sua aparência ou qualquer outra condição, deve ser o meu papel como sujeito e como Assistente Social. Meus conceitos estão em metamorfose, para que possam transformar o final das histórias de tantas pessoas que passam por mim, inclusive eu mesma.

SEGUNDO LUGAR – Leticia da Cruz Marins – Pedagogia e Psicologia

Metamorfose e Alienação

O livro “A Metamorfose”, mesmo tendo sido escrito por Franz Kafka em 1912 e publicado em 1915, provoca reflexões enriquecedoras acerca da sociedade atual. O autor teve a perspicácia de enxergar além de seu tempo, trazendo situações capazes de revolucionar o pensamento do mundo contemporâneo. Daí sua importância e atualidade.

A história retrata o processo de vida que levou o caixeiro viajante Gregor Samsa a se metamorfosear em um inseto gigante. Realismo fantástico ou uma metáfora do nosso cotidiano?

A partir de uma dívida de seu pai com um comerciante, Samsa se vê, de repente, com a responsabilidade de trabalhar para sanar essa dívida, além de ser o único provedor do sustento da família. Todo esse processo é permeado por inúmeras dificuldades. O trabalho exaustivo e muitas vezes não reconhecido por um pai extremamente autoritário e intransigente, entre outros fatores, acaba, aos poucos, adoecendo o personagem, que, por sentir que precisa ajudar a família, escolhe permanecer nessa situação, mesmo insatisfeito.

Segundo a psicanálise, a mente, quando impossibilitada de suportar determinado sofrimento psíquico, de ordem inconsciente, utiliza-se de mecanismos de defesa, com o propósito de transferir esse sintoma para o corpo. Isso se chama somatização. À luz dessa abordagem psicológica, entendemos o fenômeno vivenciado por Samsa, e usado metaforicamente por Kafka, como relacionado a este processo.

O trabalho e as relações afetivas são componentes que constroem a identidade dos sujeitos, e quando perdem o sentido para o indivíduo, o mesmo adoece.

O caráter impositivo que muitas organizações e pessoas exercem sobre os indivíduos causam sérias consequências na vida dos mesmos.

A postura que a família de Gregor adota após a Metamorfose, como se o personagem fosse um intruso, só aumenta a dificuldade do mesmo em lidar com as transformações do seu cotidiano, que o levaram a uma alienação de si mesmo e a um distanciamento de seus interesses pessoais.

A obra de Franz Kafka traz, portanto, excelente oportunidade de reflexão sobre quem somos e no que nos tornamos (metamorfoseamos) a partir das exigências sociais. Isso nos faz concluir que “Um bom livro não termina, se esconde dentro de nós”.

PRIMEIRO LUGAR – Paulo Henrique Tadeu Gonçalves – Administração

A Compreensão Literal da Metamorfose

O livro “A Metamorfose”, de Franz Kafka, foi escrito em 1912 e publicado em 1915, constituindo uma história intrigante de 107 anos de existência. Apesar de ser fictícia e metafórica, ela possui a capacidade de causar reflexões em quaisquer tempos cronológicos. É um livro de fácil leitura, com poucos capítulos e páginas, que provoca no leitor momentos de análise social e individual.

No primeiro capítulo, fui surpreendido pelo personagem principal, Gregório Samsa, por perceber nele, características que me permitem uma identificação muito forte. Gregor é comprometido com suas responsabilidades, dedicado, focado e apegado aos familiares. Com ele me assemelho muito. Nos momentos iniciais, após ser metamorfoseado em um inseto gigante, o personagem preocupou-se, ao máximo, com seu trabalho. Senti-me em sua pele, logo nesse momento.

Com o desenrolar da história, mesmo sendo uma ficção, analisei minhas condições reais. Enquanto desenvolvi a leitura, pude compreender, trazendo para minha vida pessoal, que uma metamorfose representou a descoberta de minha homossexualidade. No começo, tive dificuldade em compreender e aceitar essa “metamorfose”, não sabendo como lidar com a rejeição de familiares, pelo fato de ser diferente.

A resistência dos familiares de Gregor e a tentativa de escondê-lo do mundo, foi outra semelhança. Mesmo quando comecei a aceitar a minha “metamorfose”, meus familiares quiseram me fazer mudar de ideia. Além disso, o emprego que Gregório acabou perdendo, ao ser “transformado”, foi outra situação que vivi. Por muitos momentos, tive que me fechar no meu “mundinho” particular, por medo das reações alheias.

Com a finalização da triste história do personagem, a rejeição e falta de compreensão dos familiares, pude perceber o quanto o livro permanecerá promovendo essas reflexões. Tanto na vida pessoal, quanto profissional, pretendendo tornar-me um gestor no futuro; percebi a necessidade de compreender sempre a dor e a diferença do outro. Reflito ainda sobre quantos Gregórios estão passando por metamorfoses e perdendo suas vidas, seja pela não aceitação pessoal, quanto pela rejeição dos demais.

Por fim, a partir da leitura do livro, consigo ter energia para continuar buscando mudanças, percebendo o quanto novos conhecimentos podem nos auxiliar. Tanto como pessoa, quanto como futuro líder formador de opiniões, vou lembrar sempre do Gregor que fui e de tantos outros que estão ao meu redor. Continuarei lutando por mudanças de percepção por onde passar, para que nenhum outro Gregório que eu venha a conhecer, perca sua vida por não conseguir compreender e aceitar sua “metamorfose”.

PARADA DA LEITURA – 2020-1

O eixo temático foi a escritora Clarice Lispector:



VIDA

Natural de Tchetchelnik, pequena aldeia na Ucrânia, Clarice Lispector nasceu em dezembro de 1920, durante a viagem de emigração da família em direção à América. Clarice, os pais e as duas irmãs, judeus, acabaram se estabelecendo no Brasil, escapando da miséria e da perseguição sofrida em sua terra natal. Sua mãe havia sido estuprada por soldados russos. Seu avô, assassinado. Fora batizada como Haia, que significa “vida” em ucraniano. Em 1922, já em Maceió, a família é quase toda rebatizada, e a menina de dois meses passa a se chamar Clarice Lispector. Em 1925, os Lispector se estabelecem em Recife e seis anos depois, com apenas nove anos, Clarice escreve a peça “Pobre menina rica”, cujos originais foram perdidos. Data dessa época a morte de Marieta, sua mãe. Em 1935, a família muda-se para o Rio de Janeiro, onde Clarice entra em contato com a obra de autores como Rachel de Queiroz (1910-2003), Machado de Assis (1839-1908), Graciliano Ramos (1892-1953), Jorge Amado (1912-2001), Eça de Queirós (1845-1900) e Dostoiévski (1821-1881), entre outros. Em 1939, publica na imprensa o primeiro conto, “Triunfo”. Em 1943, casa-se com o Diplomata Maury Gurgel Valente, com quem teve dois filhos. Seu primogênito, Pedro, foi diagnosticado

com esquizofrenia. Devido à profissão de seu marido, Clarice viveu em muitos países do mundo, desde Itália, Inglaterra, Suíça e Estados Unidos. O relacionamento durou até 1959, e quando resolveram se separar, Clarice retornou ao Rio com seus filhos, onde sobreviveu escrevendo para jornais.

OBRA

Conhecida como uma das melhores escritoras brasileiras, Clarice escreveu romances, contos, crônicas, literatura infantil. Em 1944, lança seu primeiro romance, “Perto do coração selvagem”, com o qual conquista o Prêmio Graça Aranha, concedido pela Academia Brasileira de Letras, e chama a atenção da crítica pela narrativa inovadora e pelo estilo inquietante. Na sequência são publicados “O lustre” (1946), “A cidade sitiada” (1949) e “Alguns contos” (1952). Em 1960, com o lançamento de “Laços de família”, Clarice é inscrita entre os grandes prosadores brasileiros. Ainda na década de 1960, lança “A maçã no escuro” (1961) e três anos depois publica “A legião estrangeira” e “A paixão segundo G.H.”, romance considerado por alguns críticos como sua obra-prima. Na década de 1970, destacam-se, entre outros, a prosa poética de “Água viva” (1973) e o romance “A hora da estrela” (1977), seu livro mais conhecido. Clarice Lispector é a principal representante da tendência intimista da terceira fase modernista brasileira: “*Não tem pessoas que cosem para fora? Eu coso para dentro.*”, afirma ela. O questionamento do ser e o peso existencial são temas constantes. A grandeza e o significado psicológico de suas personagens, quase sempre femininas, extrapolam a mesmice e a monotonia da vida e expressam toda a ambiguidade da existência: o eu e o não eu, o ser e o não ser. A narrativa clariciana não é cronológica, mas centrada no inconsciente do personagem, em suas angústias e fraquezas, e marcada pelo que os críticos chamam de epifania, momento de “iluminação” a partir do qual é operada uma transformação interior nesses seres. Clarice Lispector cursou Direito, antropologia e psicologia, tendo tido, além da carreira de escritora, a de jornalista, e trabalhado como redatora e repórter na Agência Nacional, no Correio da Manhã, no Diário da Noite, no Jornal do Brasil, entre outros. Assinou colunas femininas, recentemente compiladas nos livros “Minhas Queridas” e “Clarice só para Mulheres”. Inspirada por um dos filhos, escreveu também livros infantis: O mistério do coelho pensante; A mulher que matou os peixes; A vida íntima de Laura; Quase de verdade; Como nasceram as estrelas.

PERSONALIDADE

De personalidade singular e forte, pouco se importava com as críticas e suas frases célebres nos remetem a seu espírito atormentado e, ao mesmo tempo, independente, nos inspirando em momentos difíceis como os que vivemos agora:

“Liberdade é pouco. O que eu desejo ainda não tem nome”

“Ainda bem que sempre existe outro dia. E outros sonhos. E outros risos. E outras pessoas.

E outras coisas”

“O medo sempre me guiou para o que eu quero. Muitas vezes foi o medo que me tomou pela mão e me levou”

“Renda-se, como eu me rendi. Mergulhe no que você não conhece como eu mergulhei. Não se preocupe em entender; viver ultrapassa qualquer entendimento”

Sempre escrevi “com amor e atenção e ternura e dor e pesquisa”, afirmou a escritora. “Sou uma pessoa que pretendeu pôr em palavras um mundo ininteligível e um mundo impalpável”. Sobretudo uma pessoa cujo coração bate de alegria levíssima quando consegue em uma frase dizer alguma coisa sobre a vida humana ou animal”. Não à toa, Clarice Lispector ganhou fama de ser enigmática, o que ela mesmo reforçou. Relembrando uma passagem pelos desertos egípcios, a escritora disse ter olhado fixo para ninguém menos que a esfinge: “Eu não a decifrei”, disse Clarice, mas com um acréscimo: “Tampouco ela me decifrou”. Enigmática e impossível de ser reduzida a qualquer rótulo, nem mesmo ao de feminista, seu olhar registra, inegavelmente, os padrões de comportamento restritos de uma sociedade machista, mas abrindo espaço para que as mulheres pudessem experimentar livremente a reinvenção de si mesmas. No conto “A Fuga”, por exemplo, Clarice narra a história de uma mulher que, ao dar uma volta sozinha na praça, decide pedir a separação para o marido. “Eu era uma mulher casada”, diz a protagonista sobre sua decisão. “Agora sou uma mulher”.

RECONHECIMENTO

Mulher, judia, migrante e separada do pai de seus dois filhos, Clarice foi um dos poucos nomes da literatura brasileira a conseguir reconhecimento ainda em vida: “Clarice soube se impor. Foi jornalista, quando havia poucas mulheres nessa profissão no Rio de Janeiro dos anos 1940. Foi escritora inovadora, com narrativa bem diferente das demais que a antecederam, como Rachel de Queiroz ou Lúcia Miguel-Pereira, afirma a professora Nádia Battella Gotlib, autora da biografia “Clarice: uma vida que se conta”. “Há que se notar que no início dos anos 2000, sua obra quase completa já havia sido toda traduzida para o inglês, francês e espanhol, com exceção, naturalmente, de suas cartas íntimas, que foram publicadas no Brasil apenas na primeira década deste século”, conta a biógrafa. A obra de Clarice está disponível em cerca de 30 idiomas, incluindo o hebraico, o tcheco, o croata, o búlgaro, o finlandês, o turco e o coreano.

DESPEDIDA

Como despedida do público e da vida, a escritora publicou seu último romance, “A Hora da Estrela”, dois meses antes de morrer, aos 57 anos, de câncer. Clarice não chegou a ver que este se tornou o mais conhecido de seus romances. “É curioso pensar que A Hora da Estrela foi a despedida de Clarice. O livro foi o seu testemunho, de vida e de morte. Ela o escreveu sabendo que sua própria estrela estava se apagando», reflete a professora de literatura brasileira da Faculdade de

Letras da USP, Yudith Rosenbaum, autora do livro “Metamorfoses do mal: Uma leitura de Clarice Lispector.” A Hora da Estrela” narra a trágica história de Macabéa, uma alagoana ingênua que migra para o Rio de Janeiro em busca de uma vida melhor. Desde 2011, o Instituto Moreira Salles e o filho caçula da escritora, Paulo Gurgel Valente, tentam incluir no calendário cultural do Brasil o dia 10 de dezembro como um dia de homenagem a Clarice Lispector, chamado de A Hora de Clarice. Fica a vontade de saber o que Claricealaria do que vivemos hoje, porque o olhar dela para a sociedade sempre foi instigante e muito revelador. (Professora Maria Celeste de Moura Andrade – Coordenadora da Parada da Leitura do Uniaraxa – Texto apresentado na VI Edição do Evento)

Textos vencedores da Olimpíada de redação 2020-1

TERCEIRO LUGAR: Nataly Martins dos Reis – Pedagogia

O DESPERTAR QUE SENTI

No que se refere a Clarice Lispector, podemos dizer que ela jamais passará em nossas vidas, através de seus livros, contos ou crônicas, sem nos deixar profundas marcas e uma enorme vontade de despertar. Na verdade, posso dizer que, quando tive contato com as obras de Clarice, tive dentro de mim um mix de sentimentos que no fim não poderia descrever. Se me atrevesse a falar sobre seus impactos em mim, diria que consegui, através de algumas histórias dela, descobrir uma sensibilidade que não sabia que tinha, e que precisei ter para compreender sua profundidade.

Quero evidenciar, nesse momento, uma das histórias que compõem o livro “Laços de família”. ‘AMOR’ conta a história de uma mulher, que possuía uma vida normal, e tinha um casamento e filhos maravilhosos, ou seja, sua vida era extremamente perfeita e rotineira. Um dia, quando a mulher já havia terminado seus afazeres domésticos, os filhos estavam na escola, e o marido no trabalho, Ana se viu sem nada para fazer, e lembrou-se que tinha que comprar uns ovos, e assim fez. Na volta para sua casa, depois de ter feito a compra, pegou um bonde, e, no caminho, viu um cego, mascando chicletes. Naquele momento, algo aconteceu dentro da mulher. Ela desceu do ônibus, após uma freada brusca, que quebrou todos os ovos. Parou em um jardim botânico e ali ficou por algum tempo refletindo sobre o inusitado da cena com o cego e sobre si mesma.

Contextualizando essa história com o momento em que estamos vivendo, eu diria que estamos passando pelo mesmo despertar pelo qual Ana passou naquele momento. Tínhamos vidas normais, empregos, uma rotina com nossos maridos e familiares, que de um dia para o outro vimos se quebrar assim como os ovos que estavam na sacola de Ana. Tivemos que aprender a ser mais fortes e a nos reinventarmos, assim como Ana precisava fazer quando se via sozinha, à tarde, em sua casa. O conto ainda diz que Ana sentiu um amor profundo quando olhou para o cego e é exatamente esse o amor que acredito estar nascendo em nossos corações para com o nosso próximo, nesses últimos dias. O horário da tarde

era o horário “perigoso” de Ana, pois era o momento que ela se via só e podia questionar profundamente seus sentimentos. Nós também estamos vivendo essa tarde perigosa, visto que toda essa situação tem servido para olharmos para nós mesmos, nossas vidas e nossas relações, com mais amor, vivendo um profundo conflito interno. Como pessoa e como profissional, posso dizer que essa história, lincada com os dias atuais da Covid, vem nos levar a refletir que já passou da hora de despertarmos e termos a mesma epifania que Ana teve para sairmos dessa situação muito melhores e muito mais fortes que entramos. E para finalizar, gostaria de destacar o fato de Ana ter feito a sua própria sacola, em que carregava os ovos, e, no momento em que o bonde freou bruscamente, a sacola não foi capaz de proteger os ovos.

Assim também somos nós, em nossas vidas, por mais que achemos estar protegidos, e inteiramente completos, às vezes a vida freia bruscamente e os ovos caem! Os ovos significando a fragilidade de nossas vidas e de nossas relações, que necessitam ser protegidas, continuamente. Porém, proteger não significa que nada vá se quebrar. É isso que torna a vida linda: não sabemos onde iremos chegar, mas sabemos que tudo nos conduz ao crescimento, se estivermos dispostos a despertar.

SEGUNDO LUGAR: Rosana Beatriz Silva – Letras

“LIBERDADE É POUCO, O QUE QUEREMOS AINDA NÃO TEM NOME”

Na sociedade moderna e tecnológica em que estamos inseridos, com a vida sem muita pausa para a reflexão em meio ao excesso de informações que nos sufocam, um tempo maior de convivência com a família ou um bom livro vem sendo substituído por um clique nas redes sociais.

Apesar desse fato gerar em nós um certo sentimento de controle e de poder, na verdade vamos nos isolando cada vez mais da convivência real com as pessoas e das sensações que o mundo virtual não nos pode trazer. Nesse sentido, nos tornamos mestres nas diversas formas de tecnologia, mas perdemos em contato pessoal, conhecimento das pessoas à nossa volta e até mesmo de nós mesmos. Falta tempo para refletirmos de forma crítica e também atuante sobre a sociedade em que vivemos e nos conformamos com conhecimentos superficiais que não agregam valor, ou seja, vivemos na superficialidade e nos conformamos com isso.

Ao enfrentarmos situações de conflito interno e externo face à ameaça do vírus (Covid 19), passamos a repensar muitas coisas a nível pessoal, profissional e familiar. Em uma época de reclusão domiciliar e isolamento social, precisamos repensar nossa existência, nossas escolhas e nossa postura perante a sociedade. Passamos a refletir, com ironia, que nem tudo é o que parece ser, nem tudo é como gostaríamos que fosse, e essa nova descoberta tem nos tirado da conformidade à qual estávamos totalmente adaptados. Entendemos que não é fácil passar por essas mudanças porque isso gera medo e desequilíbrio interior porque pode mudar para sempre a forma como pensávamos essa vida.

Nesse sentido, no momento que vivemos, refletir sobre a obra de Clarice Lispector se torna cada vez mais realista e atual. Seus contos e romances, analisando sob uma perspectiva intimista, situações inusitadas, nos convidam a repensar nossa existência. As personagens de Clarice Lispector descobrem-se em um mundo absurdo, como no caso do seu romance “A Paixão Segundo G.H.”; em que, face a uma situação absurda, ocorre uma “epifania”, momento em que a personagem sente uma luz iluminadora de sua consciência que a fará despertar para a vida. Assim como G.H., o processo de consciência reflexiva nos leva a passar por diversas paixões, calvários, provações que vão nos esvaziar de nós mesmos, criando algo melhor. Esse olhar interior, apresentado por Clarice através de suas obras literárias, nos faz descobrir algo que poderia ficar em segredo para muitos, ou seja, nossa própria condição humana e nossa própria ignorância sobre ela. “Bem sei que é assustador sair de si mesmo, mas tudo que é novo assusta” diz outra personagem de Clarice em “A Hora Da Estrela”.

Precisamos de uma certa pureza para tomar consciência desse mundo cruel que nos cerca. Precisamos fazer de nós pessoas mais sensíveis para com o outro, mais éticas e amorosas em nossas ações, escolhas, posturas. Só um desejo de se repensar, de se recriar, de se auto ajustar, possibilitará uma nova sociedade, após o enfrentamento desse período de medo, angústias e incertezas que estamos vivendo. Essa reflexão interior vai nos colocar à frente de um tempo novo, porque, parafraseando Clarice, “liberdade é pouco, o que queremos ainda não tem nome”. Sim, o que queremos e precisamos, como pessoas conscientes e cidadãs, vai muito além do pouco que sabemos e passa pelo sentimento sobre quem somos e sobre qual o nosso lugar no mundo.

PRIMEIRO LUGAR: Veber Renato de Andrade Júnior – Direito Noturno

A PANDEMIA PELOS OLHOS DE CLARICE LISPECTOR

A visão intimista da obra de Clarice Lispector se mostra, mais uma vez, uma forma interessante de observar o mundo neste momento. Em tempos em que o isolamento é uma ação fundamental, é comum o olhar para dentro, reanalisando crenças, desejos e superstições. Envolto em um oceano de notícias, estamos fadados ao bombardeamento de informações positivas, de luta em prol do próximo e da vida, e de repulsa, evidenciando a corrupção, o desmando e o desprezo.

A expressão pessoal e interior, bastante característica nas obras de Clarice, assim como a multiplicidade de interpretações, são evidentes no contexto atual. Neste mundo fechado, a exposição pessoal dos indivíduos é cada vez maior, levando-os ao derradeiro julgamento da sociedade. É fato corriqueiro, atualmente, o “cancelamento” de figuras até então populares nas mídias sociais, exatamente por demonstrarem ações e opiniões conflitantes com aqueles prezados na sociedade (ou em grupos sociais). Tal fato revela a forte pressão social à qual estamos submetidos.

“Eu tenho tanto medo de ser eu. Sou tão perigoso. Me deram um nome e me alienaram de mim”. A escritora evidencia no livro “Um Sopro de Vida”, o fato de que encarar o próprio eu é uma tarefa complicada. A sociedade, um dos principais moldes ao qual o indivíduo é submetido, passa por uma transformação abrupta. Estar consciente de si mesmo vem sendo uma tarefa complicada e necessária. É importante refletir sobre suas características como pessoa, assim como seus gostos, objetivos e medos, ante toda essa turbulência. A depressão, mal do século, nos prova o quanto a autocrítica em demasia pode ser prejudicial.

Como bem disse a autora no livro “A Hora da Estrela”: “Ela acreditava em anjo e, porque acreditava, eles existiam”, Clarice enfatiza que a crença em algo é, para o bem ou para o mal, força motivadora muito poderosa. Tanto para o lado positivo como para o negativo, devemos ter cuidado com as nossas convicções. Da mesma forma que nos guiam para caminhos de esperança e vitória ante a pandemia, devemos nos precaver daquilo que pode ser maléfico. As *Fake News* são um grande exemplo do quanto a sociedade pode ser manipulada em prol de interesses egoístas. Ter como foco crenças positivas e motivadoras nos exigem um filtro para aquilo que deve ser absorvido.

Inferre-se que as palavras da autora permanecem vivas até hoje. Os ensinamentos e reflexões que a sua obra nos causa, ante o cenário atual, ficam evidentes. Uma vez que a pandemia volte a ser somente uma palavra fúnebre nos livros de história, retornaremos ao convívio social habitual, mais fortes e mais conscientes de nós mesmos.